ESPAÇO PEDAGÓGICO

EDITORIAL

Não se brinda com presente de aniversário a quem não se conhece ou que não merece. Paulo Freire é, entre poucos brasileiros, merecedor desse reconhecimento. Seu livro clássico *Pedagogia do oprimido* circula pelo mundo como uma das obras acadêmicas mais lidas. Em um mundo que faz questão de dizer que tudo muda rapidamente, o presente número da *Revista Espaço Pedagógico* evidencia que não é bem assim. Publicada há cinquenta anos, continua com uma atualidade impressionante e inspira reflexões de múltiplas naturezas, como atestam os artigos que compõem o presente número. Em 2020, completa-se o cinquentenário da obra *Pedagogia do oprimido* e, em 2021, comemora-se o centenário de nascimento de Paulo Freire. Desde 1970, quando da publicação da primeira edição da obra nos Estados Unidos, até os dias de hoje, milhares de livros e artigos foram publicados e estão esquecidos. No entanto, há obras preciosas que não desaparecem no tempo, ao contrário, renovam-se e criam novas temporalidades. Essa dinâmica é peculiar, pois coloca questões que ultrapassam seus tempos de vida, como argumenta Calvino, na obra *Por que ler os clássicos*[1].

O que a vida e a obra de Freire têm a nos dizer? Muitas coisas, certamente. Em primeiro lugar, há o fato de Freire ter sido uma pessoa amorosa, no sentido de desejar a realização e a felicidade das pessoas, especialmente das sofridas (oprimidas). É, certamente, essa força amorosa que impulsiona ao encontro do outro que tem produzido tantas reações de ódio a esse pensador e às suas reflexões. Por que odiar quem não nos fez mal algum? Essa pergunta precisa ser respondida por diferentes áreas de conhecimento, entre as quais, psicologia, psicanálise, filosofia, sociologia, educação, história, pedagogia, entre outras.

Em segundo lugar, tem-se a importância que sua principal obra assumiu no campo educacional. Como sabemos, o manuscrito inicialmente sem título, depois nominado *Pedagogia do oprimido*, foi tornado público de forma restrita em 1968

Este artigo está licenciado com a licença: Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

e recebeu sua primeira publicação em inglês, nos Estados Unidos, em 1970 e em espanhol no final do mesmo ano. No Brasil, a obra só foi publicada em 1974. Dadas as circunstâncias impostas pelas ditaduras em diferentes países, no caso brasileiro desde 1964, a obra foi escrita de forma artesanal, como revela o próprio autor, durante o período do exílio no Chile num contexto ainda não ditatorial. Mesmo sendo escrita no Chile, a base empírica da sua construção está nas experiências que realizou como educador popular em diferentes espaços no Brasil. A obra clássica, objeto de homenagem, resultou de falas com educadores populares, com diferentes tradições intelectuais e, especialmente, com os próprios "oprimidos". A fonte principal baseou-se nos pronunciamentos e nas ações daqueles com os quais atuava cotidianamente, especialmente nos espaços coletivos e nos "círculos de cultura ou de investigação", que eram formados por educadores e educandos. Freire a considerava uma obra singela, que tinha como objetivo apenas organizar de forma mais sistemática os registros que fazia em papéis avulsos e em cadernetas que sempre tinha à mão. À noite e em viagens, foi construindo o manuscrito que deu origem ao livro. Nesse sentido, pode-se dizer que é uma obra construída coletivamente, mesmo que Freire seja o grande narrador.

Da primeira edição, em língua inglesa, até os dias atuais, tornou-se uma das obras mais publicadas e conhecidas no mundo, com tradução em dezenas de línguas e circulação em praticamente todos os países do mundo. O dado do Google Scholar de que essa é uma das obras mais reconhecidas internacionalmente, com 75 mil citações, terceiro lugar dentre as mais citadas nas universidades na área das humanidades, além de estar entre as 100 obras mais lidas nas universidades de língua inglesa e ser a única de um autor brasileiro, evidencia o reconhecimento tanto da obra quanto do autor. No Brasil, já são milhares de artigos, dissertações e teses abordando a produção intelectual de Freire. Como educador, ele foi condecorado com inúmeros títulos *honoris causa*, em universidades de diferentes países. Recebeu o prêmio Educação pela Paz da UNESCO, em 1986, e foi declarado patrono da educação brasileira, em 2012. Esse título foi ameaçado de ser cassado pelo governo Bolsonaro.

Apesar de todo o reconhecimento, Paulo Freire vem sendo maldosamente criticado por setores reacionários e autoritários sob acusação de ser comunista e responsabilizado por mazelas da educação brasileira e de países do terceiro mundo, pois, segundo tais críticas, sua proposta pedagógica é demagógica, apresenta forte ranço ideológico e é inconsistente dos pontos de vista pedagógico e científico. Toda perspectiva dialógica tem de estar aberta para críticas, postura que o próprio Freire sempre assumiu. O problema é que muitas das reações na atualidade são decorren-

Este artigo está licenciado com a licença: Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

tes de preconceitos e distorções teóricas de alguns dos seus críticos. São análises obscurantistas que pretendem desqualificar toda manifestação problematizadora que critica visões autoritárias e pleiteiam por práticas emancipadoras. Atacam sua obra e questionam seus títulos, bem como o reconhecimento que teve em muitos países e instituições. Ao contrário da visão amorosa, alimentam o ódio e desprezam sua luta pela liberdade e justiça social. Diante desse quadro, se Paulo ainda vivesse, estaria sofrendo intensamente diante da sofisticação dos modernos meios de opressão e da crescente maldade dos opressores. No entanto, não ficaria calado e se ocuparia de mobilizar os oprimidos na luta contra a opressão pela mediação da educação e do fortalecimento da resistência e da luta pela emancipação. Do que menos iria se ocupar seria, certamente, a defesa dos seus títulos e comendas.

Pautar os oprimidos como foco das reflexões e ações pedagógicas emancipadoras não é obra para pensadores medíocres. Essa é, certamente, a razão mobilizadora de ideais pautados no complexo vira-lata, que odeia e despreza as reflexões que nascem dos contextos de opressão e dos oprimidos. O complexo vira-lata despreza o que é nosso, que nasceu aqui. Por sua vez, valoriza tudo o que vem de fora. Essa é a explicação mais plausível do porquê pensamentos medíocres detestarem tanto os contributos de Paulo Freire.

Na contramão desses ideais medíocres, apresentamos um número da *Revista Espaço Pedagógico*, que, em 2020, completa 26 anos de existência, com um dossiê sobre os 50 anos da obra *Pedagogia do oprimido*. Além de uma justa homenagem a Paulo Freire, recuperando uma palestra que ele fez, em 1984, em Passo Fundo, em um Colóquio de Educação Popular, trazemos contribuições de vários pesquisadores que se debruçam sobre sua obra e problematizam inúmeros outros temas e questões emergentes em diferentes realidades. São artigos que atestam a importância da obra desse educador preocupado com a emancipação humana. Alguns desses autores conviveram e compartilharam momentos de aprendizagem com o Freire. Outros vêm promovendo a reinvenção da pedagogia do oprimido, seguindo a sábia orientação de Freire de não meramente reproduzi-la, mas reinventá-la na busca da transformação da educação e da construção de uma sociedade livre.

O conjunto de artigos que compõem o dossiê inclui artigos estrangeiros e brasileiros, tratando da pedagogia do oprimido de diferentes pontos de vista. O primeiro artigo é do próprio Paulo Freire, na citada palestra que fez em Passo Fundo em 1984, com o foco na educação popular no Brasil. Há uma fala inicial e depois um diálogo com os participantes do evento.

Este artigo está licenciado com a licença: Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Seguimos com o artigo de Carlos Ernesto Noguera Ramírez, da Universidad Pedagógica Nacional de Colômbia, que faz uma discussão provocativa da obra *Pedagogia do oprimido* numa perspectiva pedagógica. De Tandil, Argentina, Margarita Sgró discute como ocorre a recepção da pedagogia do oprimido na Argentina por movimentos juvenis emancipatórios nos anos de 1970.

Thiago Ingrassia Pereira e Jerônimo Sartori analisam a pedagogia do oprimido na perspectiva dialógica das suas potencialidades e dos seus limites como prática emancipadora. Valdo Hermes Barcelos e Maria Aparecida Azzolin reforçam a tese da atualidade emancipadora de Freire no enfrentamento de posturas autoritárias e opressoras, obscurantistas e intolerantes.

Ivanilde Apoluceno de Oliveira aborda a pedagogia do oprimido e suas contribuições para o ensino de filosofia para crianças em escolas públicas. Ivo Dickmann e Ivanio Dickmann fazem uma discussão da pedagogia do oprimido e suas contribuições para uma didática crítico-emancipadora. Araci Asinelli-Luz, Michelle Popenga Geraim Monteiro e Tatiane Delurdes de Lima-Berton analisam a pedagogia do oprimido na ótica de uma educação preventiva e integral para a infância e a adolescência.

Paulo César Carbonari problematiza a necrofilia no contexto da Covid-19, estabelecendo um diálogo entre Paulo Freire e Erick Fromm. Celso Ilgo Henz, Patrícia Signor e Ivani Soares estabelecem um diálogo entre Paulo Freire e Marie-Cristine Josso a respeito da missão ontológica do Homem em ser mais.

Em suas diversas temáticas e abordagens, os textos apresentam um nexo intrínseco e conectivo que traduzem o que foi a forma de ser e viver de Freire e a sua prática investigativa. Não trataram de reproduzir ou reafirmar o pensamento de Freire, mas de pôr à prova a própria capacidade de criar, de ousar, de abrir horizontes e estabelecer confrontos que apontam para novas perspectivas de formação. Inspirados em Freire, cada um dos autores reinventou a educação pela sua presença crítica, criativa e inovadora. Cabe a cada leitor, em uma atitude também freireana, encontrar e explorar os potenciais dos textos aqui expostos.

Outras contribuições constituem os artigos de fluxo contínuo. A contribuição de Maria Regina Johann e Paulo Evaldo Fensterseifer traz ao debate os desafios de uma educação republicana e democrática. Edinaldo Medeiros Carmo, Rosa Belém Farias e Marco Antonio Leandro Barzano analisam como a cultura popular é abordada em documentos curriculares do ensino fundamental. Márcia Helena Sauaia Guimarães Rostas, Maria Cecília Isaacsson e Rafael Montoito analisam a política de contas para o ingresso no IFSul, *campus* Pelotas, no contexto das políticas de ação afirmativas. Diego Bruno Velasco e Ana Angelita Costa Neves da Rocha fazem

Este artigo está licenciado com a licença: Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

um estudo sobre como os sentidos sobre democracia aparecem no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Célia Regina Vitaliano e Josiane Junia Facundo analisam a implantação da disciplina de Libras na grade curricular do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina. Maria Celeste Reis Fernandes de Souza e Miria Núbia Simões Lourenço aprofundam as relações que alunos do ensino fundamental estabelecem com o saber e o território na escola de tempo integral. Jeruza da Rosa da Rocha e Marta Nörnberg analisam o caminhar com crianças, em contexto campesino, como possibilidade metodológica para o desenvolvimento de pesquisas com crianças, fundamentando o argumento de que caminhar com crianças oferece elementos para interagir com elas em suas dinâmicas sociais.

No Diálogo com educadores, contamos com prestigiosa contribuição de Carlos Rodrigues Brandão. É prestigiosa não apenas pela trajetória de Brandão como educador popular e pesquisador, mas também pela sua convivência com Paulo Freire, especialmente após o retorno deste do exílio. São contribuições que tratam de reflexões, experiências partilhadas e compromissos políticos em prol de uma educação efetivamente emancipadora.

A resenha de Márcio Luís Marangon e Volnei Fortuna da obra *Paulo Freire mais do que nunca*: uma biografia filosófica, de Walter Kohan, ressalta a relevância da obra num contexto em que crescem tendências antidemocráticas, xenofóbicas e reacionárias. Essa obra reforça todo o empenho na organização do presente número da revista, que é de ampliar cada vez mais os horizontes da pedagogia do oprimido. Somente assim, será possível pensar em direitos humanos, justiça social e democracia de alta intensidade.

Eldon Henrique Mühl – organizador do dossiê
Telmo Marcon – Editor-chefe

Nota

[1] CALVINO, I. *Por que ler os clássicos.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Este artigo está licenciado com a licença: Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.